

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA: DORIS WISHMAN
3 e 6 de Maio de 2022

THE IMMORAL THREE / 1975

Um filme de Doris Wishman

Realização: Doris Wishman / Argumento: Robert Jahn, baseado numa história de Judy J. Kushner / Direcção de Fotografia: C. Davis Smith / Som: Andrew Pressman / Montagem: Lou Burdi / Interpretação: Cindy Boudreau (Ginny), Sandra Kay (Sandy), Michele Marie (Nancy), Robert S. Barba (John Erikson), Joe Saverio (Phil Morrissey), Bud Irwin (Mike Burns), Frank Silvano (Joe Blanco), Roger Caine (Maurice Stolla), etc,

Produção: Juri Productions / Produtora: Doris Wishman / Cópia: Digital, colorida, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 75 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Com as presenças de Peggy Awesh e Lisa Petrucci na sessão de dia 3 e de Peggy Awesh na sessão de dia 6

The Immoral Three é um filme que concretiza o “metaverso” (para usar uma expressão agora em voga) do cinema de Doris Wishman, visto que é uma espécie de sequela para **Double Agent 73**, realizado no ano anterior. A “agente dupla” morre no princípio do filme (mas já não era a actriz que encarnara a personagem no filme anterior, Chesty Morgan, também protagonista de **Deadly Weapons**) e são as suas filhas, o “trio imoral” do título, que vão vingar a morte da mãe (é certo que para entrarem na posse de uma herança/recompensa no valor de alguns milhões de dólares).

Claro que, como sempre em Wishman, a “história” conta relativamente pouco, embora seja de realçar que esta ossatura narrativa constitui um exemplo perfeito do “revenge thriller”, subgénero que nos últimos anos frutificou com ou sem incidências sócio-políticas – mas normalmente com elas, até por se tratar de um tropo habitualmente protagonizado por figuras femininas, e que tanto se pode jogar nos domínios do thriller propriamente como em outros géneros, do terror ao western. De resto, a atmosfera e o “feeling” de **The Immoral Three**, tão genuinamente “seventies”, lembram várias vezes, ao longo da projecção, que entre as muitas homenagens amalgamadas em filmes como **Serial Mom** (John Waters), **Kill Bill** ou **Deadproof** (Tarantino) certamente se conta também uma vénia a Doris Wishman.

Mas se a “história” conta pouco, conta pouco porque é mero suporte para um conjunto de cenas-performance, de situações exploradas de forma a espremer tudo o que possa ter consequência como erotismo ou como violência. Mais uma vez, e não será excessivo voltar a referir isso (embora não seja uma característica exclusiva de Wishman: então, nos anos 70, quer o cinema americano de “exploitation” quer o cinema europeu que orbitava entre o fantástico e o policial, de Jess Franco ou Jean Rollin ao “giallo”, estava cheinho destas associações), no cinema de Doris Wishman o prazer erótico e a violência (eventualmente, ou frequentemente, mortífera) estão absolutamente relacionados. Como noutros casos, essa relação virá de um “caldo” algo extenso, onde se misturam

tanto o puritanismo como a assertividade da afirmação da liberdade feminina, sobretudo no que toca à liberdade sexual. As consequências são as mesmas: não há sexo sem castigo, pelo menos para uma das partes implicadas (e nesse aspecto seria interessante aproximar também um filme como este da tradição do “slasher”, que John Carpenter estava prestes a reinventar no **Halloween** que tem exactamente este fundamento de uma relação castigadora e puritana com o sexo).

Ao mesmo tempo, é curioso como o carácter “erótico” do filme, que seria o principal isco na época em que foi feito, se desvaneceu com a passagem dos anos. Ou por outra, o que havia de erótico não deixou de ser erótico, mas não é o erotismo – ou, menos pomposamente, não são a nudez e o sexo, ambos abundantes – o motor que leva alguém a interessar-se por **The Immoral Three**. Antes, a criatividade “desprogramada”, livre e, voltamos, a insistir, com uma certa dose de inocência que em breve deixaria de ser possível (por tantas razões: da “revolução conservadora” do reaganismo a partir do final da década ao aparecimento do Sida poucos anos depois disso) com que Wishman mistura alegremente sexo e violência, e puxa pela “imoralidade” (desde logo, no título do filme) como uma virtude, ou pelo menos, uma característica admirável (neste ponto, há outros cineastas que por estes anos navegava em águas aproximáveis mas que parecia já ter a noção da impossibilidade da inocência, e que também seria interessante pôr em diálogo com estes filmes de Doris Wishman: falamos de David Cronenberg de **Shivers** ou de **Rabid**).

Luís Miguel Oliveira